

A collage of newspaper clippings. The most prominent clipping features a large, bold headline that reads "MURDER" in all caps. Below the headline, there is a sub-headline and several lines of text, which appear to be a news report. To the right of this main clipping, there is another smaller clipping with the word "KIDNAPING" visible. The background of the collage is a light, textured surface, possibly a piece of paper or a board. The clippings are arranged in a somewhat overlapping manner, with the "MURDER" clipping being the central focus.

[illegible]

Der neue große

manual
da
desobediência

-debora
frota
chagas





Este manual cartografa meu percurso de educadora, artista, pesquisadora e — antes de tudo — corpo político.

Elaborado durante a pesquisa no **Mestrado em Artes do IFCE**, é um produto pedagógico que partilha propostas práticas em teatro e educação com estudantes do Colégio da Polícia Militar do Ceará.

Dividido em **oito frases-bordões** utilizados por mim nas aulas de arte, apresenta narrativas que nasceram de minhas inquietações, provocações e processos de criação inspirados em poéticas a partir do caos, do acaso e da **desobediência**.

manual da
desObediência

Debora Frota Chagas



ARTE Debons

sumário

o começo da bagunça 05

vai dá merda! 07

o que é isso? 10

se não tem regra é livre 13

um olho no lanche e o outro na apresentação 15

o foco é na plateia! 17

se joga! 19

a regra é: não tem regra! 21

o palco é a sala de aula
e a plateia é outra turma 23

Esse tipo de atuação em um regime educacional militar, a disciplina e a obediência, rigorosamente incutidos, fortalece meu desejo de "tudo", sabe, de propor ações formadoras, inspiradas a po-
caos, do acaso e da desobediência.

o começo



o começo da bagunça

da bagunça

Esse tipo de atuação em uma escola fortalece meu desejo de "quebrar tudo" sabe, de propor ações transformadoras, inspiradas em poéticas partir do caos, do acaso e da desobediência.





2012. Ano de transformações, diálogos, questionamentos, contravenções, transgressões e privilégios...

Mas antes de tudo, ano de **observar o estranho e desconhecido** ambiente escolar militar. O que eu tinha era: uma pasta com meu nome, 27 diários de sala e a **menor ideia do que fazer.**

E tudo parecia proibido.

A imagem da autoridade policial vigilante nos corredores da escola me soava como uma necessidade constante de solenidade...

Sim, até para o ato de proibir.



vai dá merda!

Provocação para uma
produção criativa crítica e
reflexiva, a fim de questionar o
adestramento militar, a censura
e as discussões silenciadas.

Vai dá



Não podia tirar as cadeiras e mesas da ordem, não podia fazer barulho na sala e também não podia dar aula fora da sala. Nada que quebrasse a ordem, a disciplina e as regras. **O que eu poderia fazer?**

Como fazer um jogo teatral com a sala cheia de mesas e cadeiras, sem poder empilhá-las? Como jogar jana cabana sem o caos da gritaria? Como experienciar a escola no jogo cobra de vidro sem andar pelos corredores?

Eu era só inquietude. Então decidi arriscar: quebrar uma das regras e ver no vai dar.

Mas qual delas? Tirar as cadeiras e mesas do lugar ou fazer o jogo fora da sala? Como não compro briga sozinha e faço tudo em gangue, perguntei aos alunos o que preferiam e de imediato disseram em sonoro coro **fora da sala!**

Era tanta euforia que antes mesmo de explicar o jogo círculo de nós, metade da turma já estava no pátio. Eu, com toda a tranquilidade que se confere a uma taurina, segui o bando. E foi um lindo caos. Era tanta gritaria, falatório e gargalhada...

professora sequestra meus olhos



ESSE É NEGÓCIO



tem solução

SOCORRE

NEGÓCIO

is

o meu bíblico caiu
NÃO SE DESENCOLA NÃO!

*espera deixa eu ajeitar
minha mão*

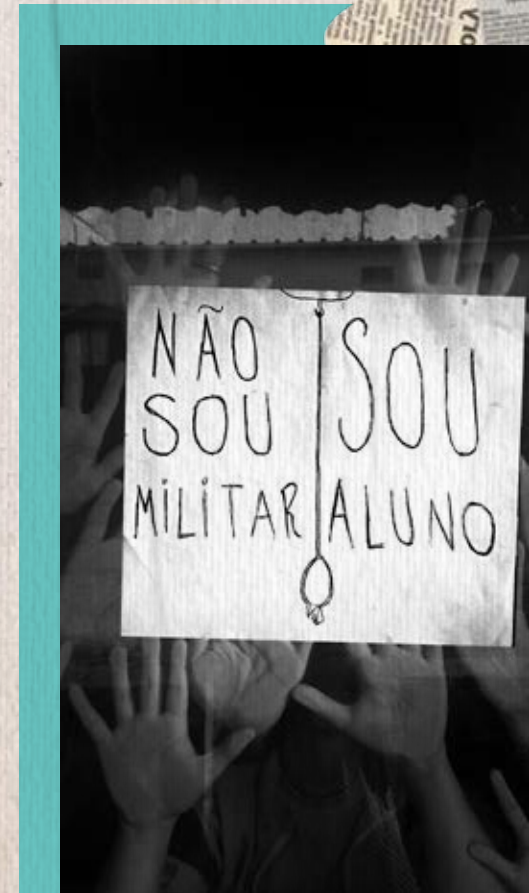


ão **para**
isso aqui mermo

Mesmo escolhendo um lugar mais afastado das salas de aula, era tanta agitação, que se via de longe as cabecinhas nas janelas das salas olhando a arrumação — ou deveria dizer a desarrumação.

Terminada a aula, entramos na sala suados, bronzeados, ofegantes, mais eufóricos ainda, os estudantes descabelados, com o uniforme desalinhado e procurando seus respectivos bíblicos no montante na minha mão.

Ao pegar o diário de sala, pensei **eita, isso vai dá merda!**



o
isso?



que é

Experimento artístico que não responde. Composto por quatro fragmentos independentes, caóticos e aleatórios, a partir de anseios e inquietudes dos estudantes sobre: militarismo/opressão, amor, religião e diversidade sexual.

"Se a pessoa, depois de fazer essa série de coisas que eu dou, se ela consegue viver de uma maneira mais livre, usar o corpo de uma maneira mais sensual, se expressar melhor, amar melhor, comer melhor, isso no fundo me interessa muito mais como resultado do que a própria coisa em si que eu proponho a vocês"

(Cf. O Mundo de Lygia Clark, 1973, filme dirigido por Eduardo Clark, PLUG Produções).

Criação do 1º grupo de teatro da escola, como objeto de pesquisa para meu tcc.

Fase 1. Laboratório de descobertas sensoriais

tendo o objetivo de desmecanizar corpos tão retilíneos, moldados em uma movimentação dura, sequencial e uniforme, alinhados ao regime educacional-militar.

Experimentar coletivamente o contato dos corpos, suas memórias e outros materiais, redescobrando o motor que gera o movimento, questionando no corpo, o próprio corpo (militar?).

Fase 2. Composição a partir do material produzido nos laboratórios,

das narrativas dos estudantes e dos temas escolhidos por eles como **amor e religião**, a fim de apresentar o resultado cênico.

Sobre o "Amor"

O Amor pelo viés dos afetos, apertos, abraços, toques, puxões, arranhões, o amor bom e o ruim, tudo na palavra do corpo, só corpo e argila. A partir do texto **Os Três Mal-Amados**, de João Cabral de Melo Neto, os alunos constituem seus



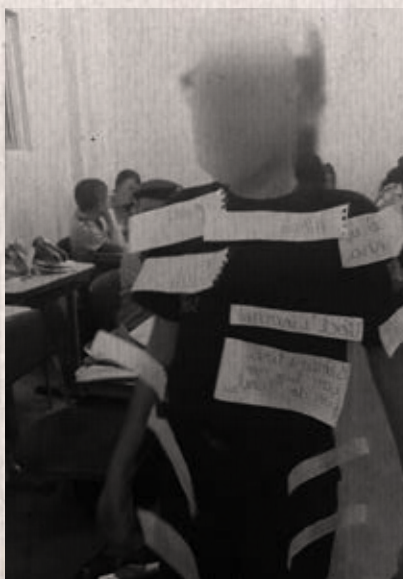
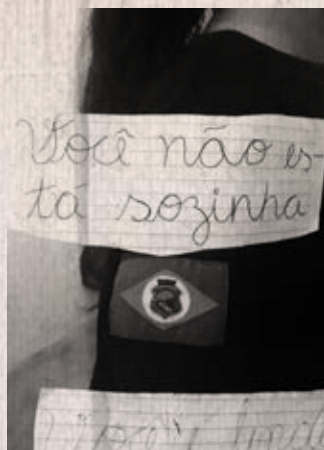
próprios discursos acerca do Amor, entre frases como “o amor comeu minhas noites de sono”, “o amor comeu minha sanidade”, “o amor comeu todos os meus CDs de músicas da Lana Del Rey”, “o amor comeu meu CAD”, “O amor comeu meu sono, bebeu minhas lágrimas, comeu minha solidão”, “O amor comeu minha lembrança de felicidade”, “O amor comeu minha alma”, “O amor comeu minha voz”.

Sobre a “Religião”

Passeia-se pelos lamentos interioranos, os choros e cantigas das carpideiras, coroação da Rainha no Maracatu, cantos aos Orixás, em especial Oxum lava meus olhos, pela magia dos corpos ao redor do fogo e entre as dores dos pingos de cera quente das velas nos dedos, caminhar, parar e ajoelhar para a penitência.



12hmon. Torace que era to
numa ténis em
grupo. 33 no solo.
1º n° 10
Munici? Pelo q. se no podessem
associar, fale sobre ele. Enunciado?
Plotei pode falar. Outro o tempo?
Anedote? 3 Aqueles sobre.
2º n° 33, 21, 24, 29, 31, 18, (32)
Explicados pelo grupo. Falar de
m. 4 de saia, 2 de farda. Pa
numa vida n. 1º e menor.
Cumprimento sobre poder escolher.
Chegar o q. sobre o resto. P. o grupo
p. o grupo. Anedote q. chava.
Ficou com hora. P. o resumido
3º n° 8, 20, 17, 3, 6. Perguntas
o que quiser a plotar. Antone
seu presidente. + Vede de m. 33

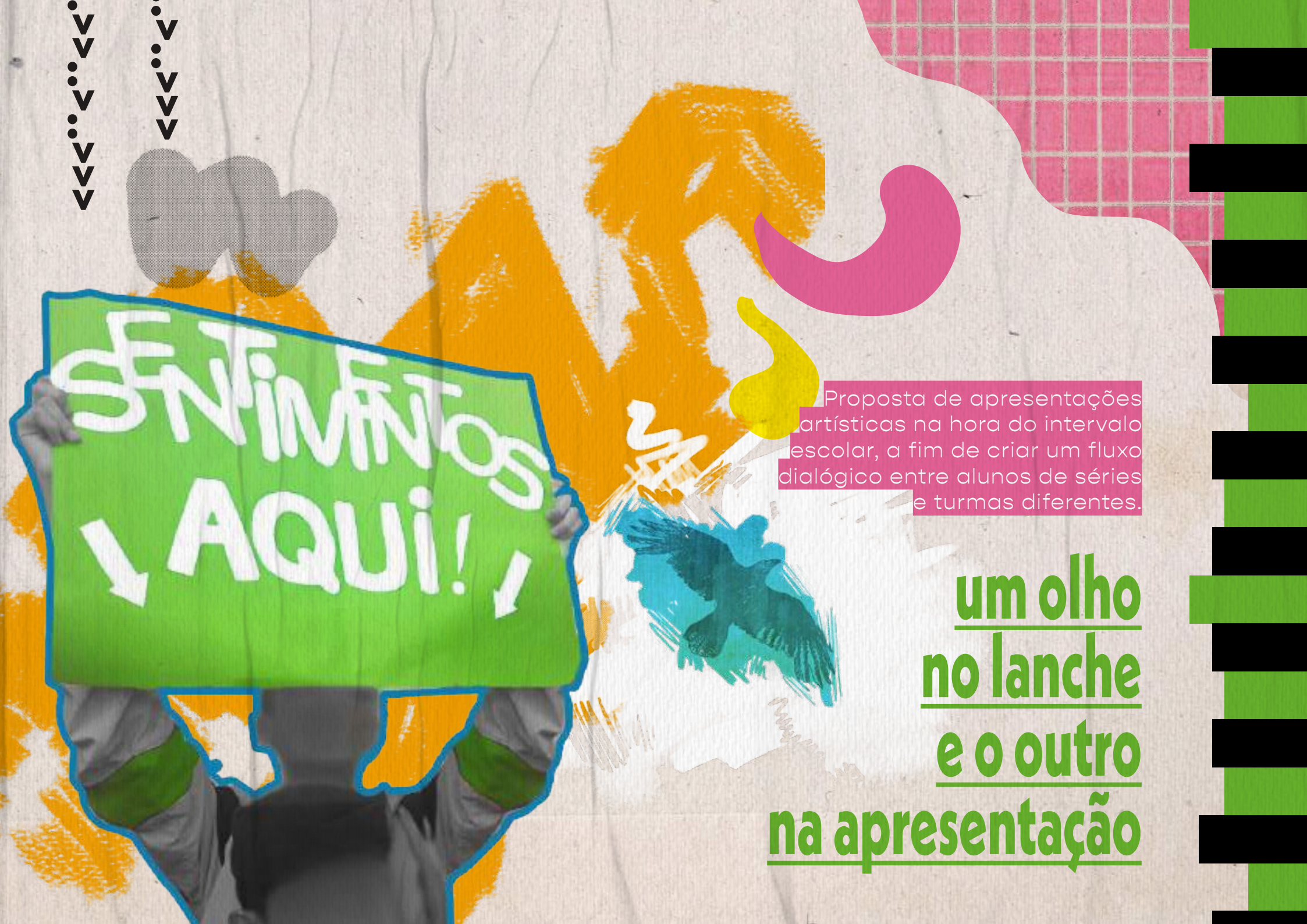


A liberdade de escolha ser um fator complicador é inacreditável. Era como se necessitassem de corredores estreitos para se manter em pé, apoiando-se na parede para caminhar.

***Eu precisava
alargar esses
corredores,
quebrar as paredes
e desmoronar
essa estrutura
limitante.***

Decidi formalizar um esquema de regras — menos para delimitar que para instigar que ultrapassassem os limites de uma determinação. Irônico né: criar regras a fim de serem quebradas.

As regras traziam determinações e limitações, mas havia um lugar de vácuo nas brechas. E não pense que esse lugar era vazio, oco... Não! Era um espaço mobilizador, provocador de possibilidades para mais uma ruptura.



Proposta de apresentações artísticas na hora do intervalo escolar, a fim de criar um fluxo dialógico entre alunos de séries e turmas diferentes.

um olho
no lanche
e o outro
na apresentação

Ao passar dos anos, minhas provocações nas aulas e as produções artísticas dos estudantes ficaram cada vez mais **críticas e reflexivas**.

Todavia, algo me incomodava.

Embora houvesse um processo de mediação, percebia que cada turma era uma ilha, produzindo apenas para si.

Então, fizemos o que?

Ocupamos o pátio da escola no horário do intervalo. Todo mundo conversava com todo mundo. **Era uma loucura!!!** E durante as apresentações, havia sempre uma “tensão no ar” — alguns estudantes ficavam inibidos pela proximidade dos monitores que observavam as ações. E isso sempre me preocupou. Estaria eu colocando aqueles adolescentes em “risco”?



o foco é na plateia!

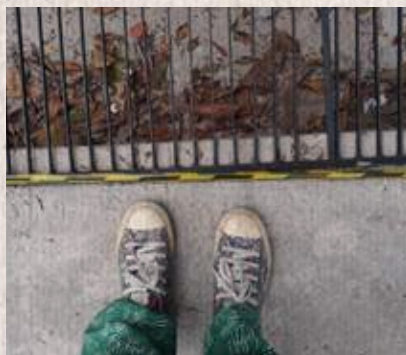
Proposições priorizando elementos técnicos da cena, a fim de contribuir na formação de espectadores e seu acesso à linguagem teatral.





se joga!

Prática de jogos dramáticos e teatrais
junto às turmas com o fim de criar
rotas de fuga para sua realização em
qualquer ambiente escolar.



Jogar foi importante sem dúvida, mas continuar jogando naquele ambiente de educação básica militar foi uma **prática de subversão**.

As aulas de jogo invadiram os espaços abertos da escola, rompendo com a estrutura ordenada e disciplinadora.

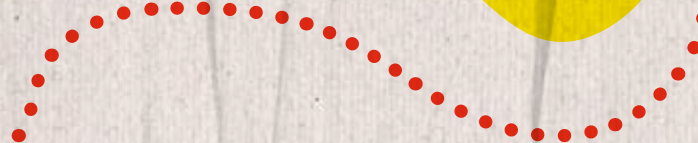
Muitas vezes fui jogadora, participando tanto quanto os estudantes, movida pelo jogar em coletivo... não tinha necessariamente um mestre à frente, era mais como se fosse um corpo em evidente ação de jogar.

Com o tempo, jogar fora da sala passou a ser rotineiro e **não havia mais a impressão de estar cometendo uma infração escolar**.





a regra é:
não tem regra!



Proposição de criação artística
completamente livre, a fim
de possibilitar a prática da
autonomia na escolha dos
percursos criativos.

criação artística livre
os estudantes podem fazer o que quiser
onde quiser, para quem quiser
nós podemos ser quem quisermos

Era tudo ou nada!

Não havia delimitações. A escolha do percurso a seguir era livre e não necessitava esperar por respostas prontas que indicassem o que podiam ou não fazer nas apresentações artísticas.

Não era necessário pensar em regras, pois elas não cabiam mais ali...

Sim: uma criação artística crítica e reflexiva sem o controle da norma, em um pensamento não apenas de liberdade criativa,

mas principalmente na perspectiva de desenvolver junto ao estudante ***sua autonomia***.

Eu não estava mais sozinha. A parceria dos estudantes era evidente. ***Havia um desejo pela liberdade e transgressão*** em todos nós, assim como, inevitavelmente, o receio de consequências punitivas.

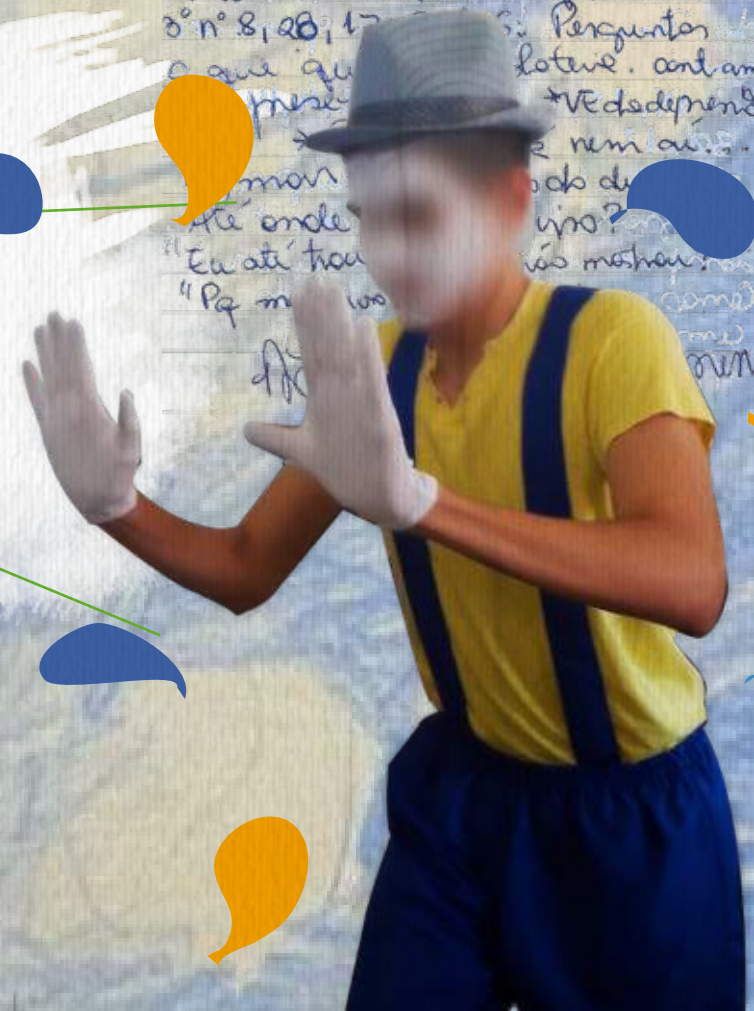
Por muitas vezes me senti “interrogada”, literalmente prestando depoimento, tendo



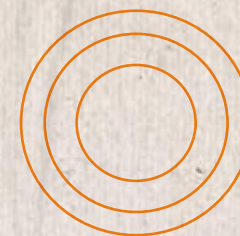
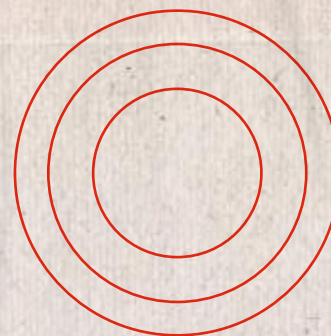
que explicar e justificar as ações. E eu, ré confessa, ainda que entusiasmada com as repercussões e os movimentos de incômodo, reflito cada vez mais sobre como contribuir para uma educação estética — e principalmente política —, desenvolvendo processos artísticos críticos e reflexivos.

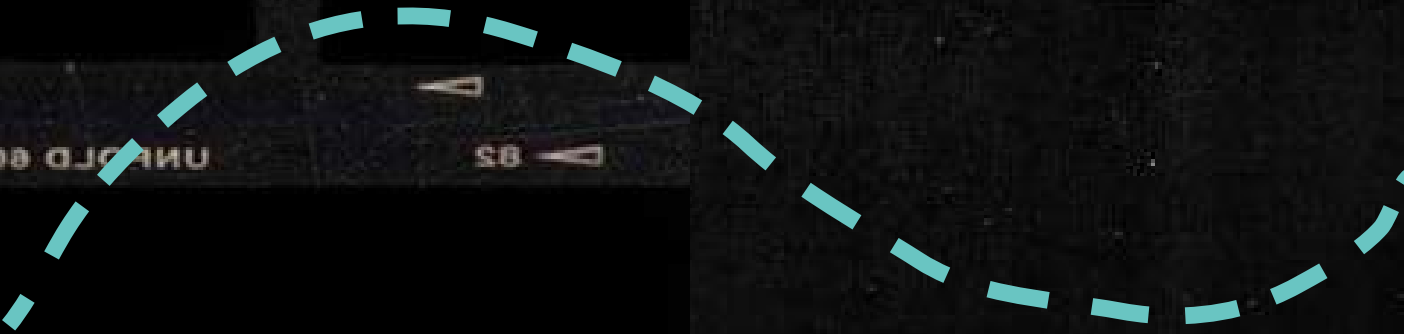
o palco é a sala de aula e a plateia é outra turma

Apresentações artísticas
em teatro para outras
salas, a fim de construir um
processo de mediação e
interdisciplinaridade.



12/mar. Parece que eu tô numa bispis em grupo. 33 no sala.
1º n° 10
Mun 100? Pelo q. n. no grupo seu
pote. fale sobre ele. Engraçado?
pode falar. Olha o tempo!
Anedota? 3. Respon sobre
3, 21, 24, 29, 31, 18, (32)
pelo espaço. Falar de
4 de roupa, 2 de favela. "Pq
minha vida n. é tão interessante.
Amorante sobre por escolher
Chapelin sobre o grupo
pergunta? Anedota? chava.
Ficou com hero. Pq resumido
3º n° 8, 28, 17. Perguntas
que que lotaria. andame
presença. Vede depende.
mon. nem ai...
onde. book de
"Eu até trou. vís matheus
"Pq m. wo. come
fim. num



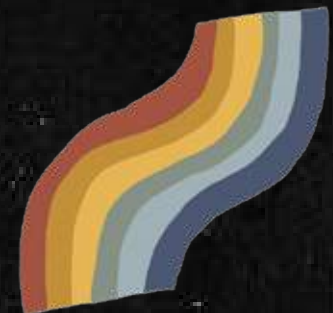


Na época não tinha a percepção que uma prática pedagógica proposta por mim poderia afetar outro professor. ***Imaginava que meu território era fixo*** e dentro apenas da minha aula, mas compreendi ao longo dos anos que não: é ***movente, fluído e cheio de possíveis afetações***.

Eu sempre roubava uns minutinhos da aula do próximo professor. Aí teve um dia que pensei “e se eu roubasse a aula toda?”. Passei a pesquisar quem

eram os professores que estavam dando aula no mesmo horário que o meu. Então iniciei as negociações, perguntando se eles poderiam liberar a turma deles para assistir uma apresentação da minha turma. E foi mais fácil do que eu achava, foi só marcar o dia com antecedência.

Evoé!





Confesso ainda aqui, em pé de orelha, que muito me questiono até hoje:

Por que fazer isso?

Para que? É para incomodar mesmo? Para apenas gerar caos e instabilidade na escola? Quebrar a ordem? É mesmo o melhor caminho? É por mim ou pelos estudantes? E mesmo em constante questionar, admitindo a possibilidade de outros percursos menos tortuosos, sigo concluindo que essas ações não são arbitrárias, pois possibilitam aos estudantes, antes de tudo, uma produção de subjetividade do ser sensível, que percebe o mundo a partir de suas experiências, desenvolvendo autonomia, criticando e refletindo sobre o ambiente que vive.

É um resistir para existir.

Todos os direitos desta produção
reservados à Debora Frota Chagas.

Autoria

Debora Frota Chagas

Projeto gráfico, diagramação e capa

Diego Landin_ERRATICA design

A reprodução de qualquer parte
desta obra é ilegal e configura uma
apropriação indevida dos direitos
intelectuais e patrimoniais da autora.



